

Velha como a propria Humanidade, a preoccupação quasi que essencialmente feminina de aperfeiçoar a Belleza modificando a propria physiognomia em seus traços menos essenciaes, como por exemplo o traçado das sobrancelhas e o desenvolvimento natural das pestanas, essa preocupação, digo, radicou-se dentro do genero humano talvez desde os proprios tempos paradisiacos.

A velha Roma teve os seus gymneceus atulhados de escravas ou libertas que se encarregavam de tomar conta dos vasos e das amphoras cheias de pastas e perfumes, de tintas e colorantes todos elles perfumados e destinados a aperfeiçoarem a Belleza ineffavel dos corpos e das faces dessas patricias romanas.

Mas antes das conquistas romanas, antes da submissão do Mundo Antigo ao poderio de Cesar já a Grecia se tinha preocupado com essa questão; e mesmo antes de se espalharem as fabulas sobre as façanhas de Theseu cu de se cantarem os Argonautas, já as mulheres, nas margens do Nilo, esverdeavam a orbita superior dos olhos, arrancavam pellos superfluos e banhavam-se em sandalo.

A pintura do corpo e da face, para empregar um termo vulgar, a maquiagem, o "make-up" para empregar um termo mais de accordo com o fim destas linhas, é uma cousa tão velha quanto a propria Civilização. Não se pôde dizer que ella seja tão velha quanto a Mulher, porque a barbaria impede intrinsecamente o desenvolvimento de qualquer industria; e foi justamente a necessidade nascente na Mulher civilizada de se fazer ainda mais bella que deu causa a esse surgimento de industrias, de perfumes e de pastas, quer na Civilização Egyptica, como na Phénicia, como na Grega ou na Romana, e enfim, depois de um estagio de seculos produzido por uma consciencia religiosa levada ao exaggero e ao fanatismo, temos então, dezesseis desses mesmos seculos depois do nascimento de Christo, o Resurgimento ou antes a

Renascença permitindo á Mulher que se pinte e se maquille de novo.

Hoje, num seculo que poderia chamar o da confusão porque todas as civilizações se misturam e nenhuma absorve a vizinha, a pratica da pintura da face continúa a ser um facto como em todas as idades.

Não se pôde dizer que, desde que a Mulher, com o seu instincto femiñil, procurou aperfeiçoar a sua propria graça tenha nascido essa pratica de que falei ahi acima; essa pratica appareceu com a civilização e continúa a não se separar della, nos tempos actuaes, em que propriamente se divide em dous cuidados: o cuidado da Fôrma, para assim chamar-se uma cousa indefinivel, e o cuidado da côr. O cuidado da Fôrma e o melhoramento do corpo, é a esthetica procurada pela mulher do seculo XX, é o saber limitar as curvas do corpo, é controle do peso e da altura, é a eliminação de pellos superfluos, é o tratamento da propria pelle em si. Pelo contrario, o cuidado da Côr é o "rouge", é os pés, é os lapís.

Não posso deixar de dizer que os meios usados para tal fim foram e sempre serão puramente artificiaes. O "punkt-reller" as massagens, os banhos, as pomadas, enfim, toda essa industria de Belleza que aproveita para si da existencia de bons chimicos e pharmaceuticos não faz mais do que forçar a natureza de uma individualidade, feminina na maioria dos casos, em prol de um aperfeiçoamento physico para o qual essa individualidade está absolutamente inhabilitada, ou pelo menos inhabilitado em grande parte.

Saber onde se deve parar. E' nisso que consiste a grande sabedoria do assumpto. Uma menina pôde ser feia, ou antes, desprovida de graça. Mas si ella se metter a se pintar sem discernimento o resultado será fatalmente uma catastrophe. O "gosto" da individualidade, da mulher, digamos, é antes de mais nada a qualidade indispensavel. Quem não tiver gosto é

## O desenvolvimento do Cinema de Amadores no nosso PAIZ

### A Questão da maquiagem

(Por SERGIO BARRETO FILHO, especial e exclusivo para "CINEARTE").



EVA SCHNOOR NO PRIMEIRO DIA EM QUE USOU "MAKE-UP" SAHIU-SE ADMIRAVELMENTE

preferivel que não se pinte e que não se maquille. A menina que se quizer pintar deve, primeiro, pedir ao espelho o reflexo da sua pessoa. Ha pessoas que não têm a minima consciencia da sua propria fealdade e do seu proprio ridiculo. Quando o individuo é desprovido, por um pouquinho que seja, dessa "esthetica do corpo", precisa-se convencer de uma vez por todas que não dará para isto ou para aquillo porque... o seu proprio typo foi alterado por um factor qualquer. Agora, dizer o que deva ser esse factor seria uma tolice. Pois si todo o mundo que me lê está vendo logo que eu me refiro á gordura, a um accidente, a um defeito physico, etc. Estamos conversando aqui sobre a parte puramente physica que nos apresenta o Cinema; essa parte puramente physica é, no final das contas, a sujeição do corpo humano a certos cuidados de Fôrma e de Luz, ambos requisitados pela camera e tudo tendo em mim um resultado melhor.

Nesta questão da maquiagem ha ainda a notar alguns pontos importantes todos elles e que só poderão fatalmente ir se desenvolvendo aos poucos.

O primeiro ponto é antes de mais nada a differença sensível entre o que se poderia chamar a maquiagem cinematographica e a verdadeira maquiagem theatral.

Não me agrada chamar o que já está assente como "make-up" de maquiagem. Eu puz o termo lá em cima porque maquiagem é um gallicismo que pôde ser abrazeirado ao passo que "make-up" não tem traducção; mas não pensem que eu vou no rôl desses patetas que pensam que assim como director é "metteur-en-scène" tambem "make-up" deva ser maquiagem!

Mas voltando ao primeiro ponto já definido: no theatro, aquelle tratamento, aquelle

cuidado da Fôrma para lhe dar o nome, não tem assim esses valores assumidos perante o Cinema; aqui, neste, a objectiva é milhões de vezes mais exigente. Depois, o outro cuidado da Côr differre muito em um e no outro ramo da Arte; basta pensar-se em como deve sahir horrivel, na pellicula cinematographica, o rosto maquiado de uma dessas primas-donnas prestes a entram em scena. No theatro a vista não define bem os contornos; a Fôrma é portanto uma inutilidade. E não me refiro á Opera; estou lembrando apenas o theatro chamado dramatico, hoje em dia. Quanto á Côr, as luzes da ribalta reflectem-se mais directamente sobre as pinturas dos bastidores e dos scenarios, impedindo por isso mesmo ao espectador de prestar muita attenção ás côres da maquiagem feita pelos actores. No theatro não se pôde julgar, da plateia, até aonde chegou o exaggero dos pós e dos "rouges"; principalmente nos grandes theatros a distancia e o ofuscamento do scenario theatral nos impedem disso.

Mas no Cinema a escripta é outra. Aqui um "shot" de cincoenta centimetros de largura irá apresentar-se perante o publico com cinco metros dessa mesma largura; e imaginando-se que esse "Shot" seja um "close-up" da face de uma Greta Garbo augmentada perante o olho do espectador "dez vezes o original". Além disso ha a tomar em conta que a attenção do espectador não pôde ser desviada para scenarios (neste caso, montagens) porque essas mesmas montagens, nos "close-ups" ficam sempre em "flou" ou o espaço abrangido é todo elle tomado pela face em "close-up" da estrella. Ha ainda a juntar a tudo isso a uniformidade da côr na imagem projectada e tambem que a maquiagem no Cinema é regida por essa uniformidade de Côr e pelo que produz essa mesma côr, isto é, as lampadas a arco, incandescencia ou saes. Em conclusão, vê-se que nem se pôde comparar a maquiagem theatral com a maquiagem cinematographica. A definição que eu dou (esta opinião "é minha" como a maioria de todas as opiniões pendidas nesta série de estudosinhos) é a seguinte:

A maquiagem theatral é apenas a pratica do velho instincto femiñil da pintura levada a um certo limite, exaggerado ou não, segundo o gosto ("gout") da propria artista; mas sempre puxado para o exaggero devido a varias causas, como a propria indole da artista, a deficiencia de illuminação da ribalta, etc.

A maquiagem cinematographica é o cuidado de dar á face a côr que melhor condieça com as leis da photographia, é o cuidado de fazer-se mais bello o "assumpto" a photographar-se quando esse é de origem humana.

A maquiagem cinematographica profissional não interessa ao amator. A maquiagem do amator deve ser uma maquiagem sobria e ao mesmo tempo simples.

O cuidado da Fôrma, esse é que deve ser a preocupação do amator. O cuidado da Côr, segundo as leis da Photographia, iria apenas confundir o trabalho desse mesmo amator, e não permittir que elle pudesse fazer alguma coisa que prestasse.

Já disse lá acima que a maquiagem cinematographica profissional não deve interessar ao amator. Para mim, o amator que desejar seguir as normas da moderna cinematographia e quizer possuir uma caixa de maquiagem ("Make-up box") deve dotal-a de um tubo de "Grease-Paint" de accordo com a côr do seu rosto, de pós de arroz tambem de accordo com a côr do seu rosto, de um ou dois lapís, uma pinça, uma toalha e um espelho de mão.

Mas o verdadeiro amator não deve se preoccupar muito com a maquiagem. Eu acho que foi por isso que a nossa querida Eva Nil me escreveu aquellas linhas naquella carta: "Acho que para os que começam a maquiagem deve ser tida por elles com o peor do Cinema. Tal- (Termina no fim do numero)